



então duas vertentes, que fazem a negociação da tradição, reinventando-a. Uma vertente é a de reter e conservar, o máximo possível, a tradição pura, e a outra é a dos tradicionalistas mais flexíveis. Estas duas formas mantêm viva a chama da tradição gaúcha, mas de formas diferentes. A vertente mais rígida, por exemplo, na música, não usaria instrumentos que não fossem os tradicionais. Já a mais liberal, conta com guitarras e até dj's, fazendo uma mescla, uma interação entre a tradição e a inovação. As duas se dizem tradicionalistas. São duas formas de reinventar a tradição, com negociações possíveis.

**IHU On-Line**- E cada geração deve dar seu aporte específico?

**Gilson Lima**- Sim, essas formas de reinvenção dependem muito também das gerações, idades, diferenças de referências de um mundo cada vez mais ausente. Manter a tradição pura é cada vez mais difícil. Mesmo assim, o tradicionalismo se mostra muito forte, considerando que os jovens fazem questão de mediar o mundo globalizado com a herança da tradição, quando poderiam mudar, abandonar e buscar outra opção. Não podemos pensar nada para o Rio Grande do Sul sem considerar a história e a característica conservadora do Estado.

**IHU On-Line** - Quais seriam as práticas sociais, políticas, econômicas e até religiosas de alguém que toma o tradicionalismo como filosofia de vida nos dias de hoje?

**Gilson Lima** - A tradição gaúcha tem uma contradição que é vista como positiva. Ao mesmo tempo em que tem um perfil militar e sisudo, o gaúcho é companheiro. Darwin disse, certa vez, em passagem pelo Rio Grande: "Apesar de cortador de garganta, o gaúcho é um *gentleman*". É o tipo de pessoa que, mesmo sendo um coronel guerreiro, é carismático. Recebe e protege seus "afilhados", estabelecendo uma relação de igualdade. Isso se expressa claramente na roda do chimarrão. Existe uma cultura hierárquica, mas todos fazem parte do círculo, e seria absurdo alterar a ordem da roda. O gaúcho não está de portas abertas de imediato, mas após um período de estágio, estabelece bem as conexões. É alguém sério, que por detrás tem compaixão, espírito coletivo. Esses dois fatores são muito presentes na cultura gaúcha.

**IHU On-Line** - Se considerarmos que a globalização possa ser uma ameaça para a sobrevivência do tradicionalismo, que aspectos teriam maior impacto?

**Gilson Lima** - A maior ameaça da globalização para o tradicionalismo seria se ele se tornasse um produto de consumo fora do Rio Grande do Sul, se por acaso ele se tornasse como uma Coca-Cola, e isso é inviável. O tradicionalismo do Rio Grande do Sul não é, e nem pode se tornar, global. Ele nem interessa à globalização, pois foge da característica principal dela que é o desenraizamento. É difícil ameaçar uma tradição forte como a gaúcha. Ela é forte nos símbolos, rituais, vestimentas e linguagem. É uma cultura muito local. Não funcionaria nem em outro local do país. Por isso, não tem capacidade de expansão global. O maior problema que vejo aí é a reinvenção do tradicionalismo com a globalização. O choque com os novos valores dificulta e torna pequeno o processo de retenção da tradição pura, e ela pode não resistir. Porém, acabar com uma cultura não é tão fácil. Ela não muda

tão rápido. Hoje faz parte do grupo como hábito e está inserida inclusive nos discursos políticos.

## **O TRADICIONALISMO NA UNISINOS**

O Grupo Candeeiro Folclore e Arte Nativa é formado por membros da comunidade acadêmica e da comunidade leopoldense. Ele está inserido na Coordenação Cultural, que faz parte da Diretoria de Extensão da Procex. Representa a cultura e a tradição gaúcha por meio da dança, da música e da poesia (declamação). *IHU On-Line* conversou com Beloni Bastos da Silva, coordenador do grupo. Ele falou sobre o tradicionalismo dentro e fora da Universidade. Após a entrevista, confira a programação da Semana Farroupilha na Unisinos, que tem início hoje.

***IHU On-Line*** - Qual a importância de trazer e difundir o folclore gaúcho dentro da Universidade?

**Beloni da Silva** - A tradição é o que o povo pratica. E o meio acadêmico é povo. A importância é muito grande no sentido de que a cultura gaúcha está muito arraigada. A história relata que a conquista do nosso chão foi toda à base de luta. Trazer o tradicionalismo para a Universidade cumpre com uma diretriz da Constituição Estadual, que é garantir o folclore nas escolas. Cito uma iniciativa do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG): a criação do Projeto Piá 2002, que facultou às escolas de Ensino Fundamental e Médio a inclusão de disciplinas de cultura gaúcha. Aqui mesmo, na Unisinos, existem disciplinas que abordam a questão cultural gaúcha. O Candeeiro também tem a função de auxiliar os alunos destas disciplinas, e os interessados no tema, com subsídios para pesquisas e dar-lhes orientação. O que queremos é manter viva a tradição gaúcha aqui no Campus também.

***IHU On-Line*** - Qual a imagem que a Comunidade universitária em geral tem das práticas tradicionalistas? Haveria algum tipo de preconceito?

**Beloni da Silva**- Esse preconceito já foi ultrapassado há tempo. Usar pilcha na Universidade já é um fato corriqueiro e quem usa sente muito orgulho, jamais vergonha. Quando trazemos atividades culturais tradicionalistas no *Sempre às Terças*, o Anfiteatro Pe. Werner fica lotado. No final da apresentação, o público demonstra vontade de que o espetáculo continue. Temos certeza de que a imagem que passamos é positiva. Muita gente nos procura, demonstrando interesse.

***IHU On-Line*** - Qual o perfil das pessoas que se interessam pelo tradicionalismo?

**Beloni da Silva** - São pessoas que prezam a moral, a palavra e os compromissos. Têm controle sobre os filhos, para que os costumes sejam mantidos, praticados e assimilados no contexto atual. A pessoa deve saber respeitar e ceder espaço ao outro, precisa ter sentimento de grupo e visão de trabalho em conjunto, tendo consciência de que um depende do outro. Hoje, quem quer ser tradicionalista precisa pagar para isso. É pré-requisito agir conforme o que professa, precisa ter valores morais, familiares.

***IHU On-Line*** - Qual a diferença entre o tradicionalismo de 20 anos atrás e o de hoje, considerando que a globalização veio com intensidade, a partir dos anos 90?

**Beloni da Silva** - Antes, ser gaúcho era sinônimo de "grossura". Hoje é sinônimo de cultura. As pessoas do meio, há anos atrás, eram tachadas de grossas, sim. O que acontece hoje é o fenômeno da aderência da juventude ao tradicionalismo. O tradicionalismo de hoje é, com certeza, mais liberal, menos rígido do que o de antigamente. A cultura atual dá mais confiança aos jovens e retira os costumes mais radicais. O namoro é um exemplo de que isso deu certo. É permitido que os casais namorem nos CTGs. A grande diferença é o respeito entre o casal, mais, talvez, que em outros grupos sociais. Quem deseja este tipo de vida, procura o meio tradicionalista. Quem não se adapta, vai atrás de outros grupos. Outra mudança é a pilcha. Há tempos atrás, era necessário vestimenta completa. Hoje, não.

**IHU On-Line** - O tradicionalismo pode ser globalizado?

**Beloni da Silva** - Tanto pode que o Movimento Tradicionalista faz parte da globalização. Tem CTG até na China. O povo precisa estar aberto a todas as culturas, porém preservando e mantendo o que é de nosso chão. Seria ignorância não aproveitar as inovações trazidas pela globalização. O progresso facilita a vida. Nos rodeios de hoje, são implantados sistemas computadorizados que fornecem o resultado mais rapidamente. É preciso aproveitar o que a tecnologia oferece para tornar a prática do tradicionalismo mais fácil.

**IHU On-Line** - Existem aspectos da globalização que podem se tornar ameaça ao tradicionalismo?

**Beloni da Silva** - O aspecto da diversão pode, sim. A entrada da Tchê-Music (advinda das bandas cujo nome é "Tchê Guri", "Tchê Garotos", "Tchê Barbaridade", etc...), estava descaracterizando e desrespeitando a musicalidade gaúcha. O baterista é paulista, o guitarrista é do norte, cada integrante de um outro estado do país. Acabava só o diretor da banda sendo gaúcho. Misturam samba e forró com música gaúcha. Mas o tradicionalismo tomou posição, e esse estilo não vingou. As músicas tradicionalistas gaúchas são em tom maior, já as argentinas são em tom menor. Na verdade, nós, gaúchos, somos mais castelhanos que brasileiros.

## ECOS GAÚCHOS

Para alguns membros da comunidade universitária as práticas tradicionalistas são parte de seu dia-a-dia, em meio a um mundo globalizado e repleto de interferências culturais.

"O tradicionalismo não deixa de ser uma filosofia de vida, porque a gente vive os costumes não só de forma profissional, mas nos demais aspectos. No Grupo Candeeiro, não se convive somente com a dança, mas com a música e a tradição gaúcha como um todo. Em casa, cultivo valores tradicionalistas, principalmente na culinária, com churrasco, carreteiro e chimarrão. Eu acho que a globalização não deve ser vista como uma ameaça, pois a cultura gaúcha é muito segura. Não há problema do tradicionalismo e da globalização andarem juntos. Só é preciso estar seguro do que se gosta e vive. Eu faço esse filtro e garanto aquilo que é bom para mim".

*João Alfredo Santos de Lima, integrante do Grupo Candeeiro e funcionário da ProceX*

"Nasci num lugar onde o tradicionalismo não era muito difundido e me criei na Argentina. Quando voltei ao Brasil é que comecei a me engajar na cultura tradicionalista. Quando componho, não falo da lida campeira. Falo universalmente, de temas diversos, mas de uma maneira que se insere nas raízes tradicionalistas. Dessa forma, atinjo mais público, com uma linguagem mais simples. Gostaria de cantar um trecho de uma música que fiz recentemente sobre o tema da globalização. O título da canção é *Evolução Campeira*:

*"Hoje o peão campeiro corta de machado,  
Trabalha no arado e manobra o trator  
Não nega sua raça, onde o laço, a presilha,  
Jombando novilhas e é bom domador.  
Vai se atualizando, "aligeirando" os dedos  
Para domar segredos do computador.  
Por via Internet, horizontes vagueia  
E feliz gauderia, seguindo o visor".*

*Luiz Kur, cantor, compositor e integrante do  
Grupo Candeeiro desde 1995*

"Eu e minha esposa Adélia fazemos parte da internada adulta do Grupo Candeeiro e nossa filha Camila, de dez anos, também dança na internada dela. Entramos por influência dos amigos e também por admirarmos muito esta tradição. Nossa vida é uma mistura de tudo. Dançamos música tradicionalista e rock'n roll, comemos churrasco e pizza, que chega até nós pela tele-entrega, tomamos chimarrão e coca-cola em nossa casa. Acho difícil que existam pessoas que sigam o tradicionalismo com rigidez hoje em dia. Não digo que ele vai acabar, mas a tendência é diminuir de intensidade. Na fronteira do Estado, a chama do tradicionalismo é muito mais viva do que aqui, que é mais perto da capital".

*Jorge Zilles, analista financeiro do Setor Financeiro  
da Unisinos integrante do Grupo Candeeiro*

## **PROGRAMAÇÃO DA SEMANA FARROUPILHA NA UNISINOS DE 16 A 19 DE SETEMBRO**

### **Dia 16 - Segunda**

**16h30-** Abertura Oficial (Acampamento Crioulo no Centro Comunitário).

Chegada da Cavalaria conduzindo a Centelha Crioula.

**16h45-** Acendimento da Chama Crioula.

**17h-** Missa Crioula.

**18h-** Apresentação da Internada Mirim do Grupo Candeeiro no Acampamento Crioulo.

**19h45-** Exibição do documentário *Heimat - A grande querência alemã* e do filme *A Paixão de Jacobina* na arquibancada do Complexo Desportivo.

### **Dia 17-Terça**

**12h30-** Show com o cantor nativista Leonardo no Acampamento Crioulo.

**16h-** Mateada: os alunos aprenderão a preparar o chimarrão no Acampamento Crioulo.  
**17h-** Exibição do vídeo "*Trilha dos Farrapos*", realização da RBS TV, no Miniauditório da Biblioteca.  
**18h-** Os Fagundes - Show de lançamento do CD *Os Fagundes*, com Nico, Bagre, Neto e Ernesto e banda no Anfiteatro Pe. Werner.  
**20h45-** Apresentação de danças folclóricas com o Grupo Candeeiro no Centro 3 (em frente ao DCE).

#### **DIA 18 - Quarta**

**12h30-** Show nativista com Jucelino Vieira da Conceição (O Cancioneiro) no Acampamento Crioulo.  
**16h-** Mateada: os alunos aprenderão a preparar o chimarrão no Acampamento Crioulo.  
**17h-** Exibição do vídeo *Trilha dos Farrapos*, realização da RBS TV, no Miniauditório da Biblioteca.  
**18h-** Peça teatral *O Negrinho do Pastoreio*, montagem do grupo Oigalê de Porto Alegre no Acampamento Crioulo.  
**20h45-** Grupo Candeeiro - danças folclóricas no Acampamento Crioulo.

#### **DIA 19 - Quinta**

**12h30-** Show com o músico nativista Luiz Kur e banda no Acampamento Crioulo.  
**14h-** Encerramento- extinção da Chama Crioula.

Todas as apresentações têm entrada franca

## **Análise de conjuntura**

### *O MITO DA GLOBALIZAÇÃO*

Empresas tendem a concentrar atuação em blocos regionais. Reproduzimos o artigo "Estudo vê desglobalização de múltis", publicado no jornal *Valor*, 3 de setembro de 2002, p. A 9.

#### **ESTUDO VÊ DESGLOBALIZAÇÃO DE MÚLTIS**

"Um estudo divulgado no dia 2 de setembro de 2002, sugere que há poucas empresas realmente globalizadas no mundo. E entre elas estaria crescendo a tendência à desglobalização, devido às perdas que estariam tendo fora de seus mercados tradicionais de atuação.

O economista Alan Rugman, professor de economia internacional da Universidade de Indiana (EUA) e do Templeton College (Oxford, Reino Unido), diz que muito poucas das 500 maiores empresas multinacionais, que dominam os negócios no mundo, têm uma atuação genuinamente global.

O estudo se chama "Competitividade do Reino Unido e a Performance das Empresas Multinacionais" e foi financiado pelo britânico Economic and Social Research Council.

Para efeito de análise, Rugman se baseou na lista das 500 maiores empresas da revista "Fortune", que respondem por 90% dos investimentos diretos no mundo

e por quase 50% do comércio mundial. Desse grupo, 430 estão baseados no eixo Estados Unidos-União Européia-Japão.

"A globalização nunca existiu, é um mito. O negócio dessas empresas se globalizou muito pouco em comparação com o das maiores empresas de 1980", afirmou Rugman ao Valor.

Ele argumenta que empresas como Nestlé ou Unilever podem ser classificadas como multinacionais globais. Mas não vê evidência de um processo inevitável de globalização dos negócios. E dá como exemplo o setor de varejo (que concentra quase 10% das 500 maiores empresas).

A Wal-Mart, maior do setor, tem 94% de seu faturamento nos países do Nafta (EUA, Canadá e México). Dos 49 varejistas da lista, 18 operam exclusivamente em seus países de origem, 24 tem atuação regional, apenas 5 estão presentes em duas regiões distintas do planeta e uma única empresa, a Christian Dior/LVMH, de produtos de luxo, pode ser considerada de atuação global.

Segundo Rugman, a maior parte das multinacionais não adota uma estratégia de globalização, preferindo concentrar suas vendas no seu mercado principal, normalmente um dos três da tríade regional (Nafta, UE e Japão/Ásia).

E muitas delas estariam com dificuldades devido a perdas em operações no exterior.

O britânico Rugman, que também elabora anualmente o Templeton Global Performance Index - ranking das principais multinacionais de acordo com a lucratividade de suas operações no exterior-, diz que a diferença entre as empresas com melhor e pior desempenho no exterior cresceu muito nos últimos.

O setor farmacêutico é o que de longe tem o melhor desempenho. Os setores petrolífero, automobilístico, de metais, de atacado, de produtos florestais, bancário, químico e eletrônicos são os que tiveram pior desempenho no último ano.

Por região, as multinacionais japonesas são as que estão tendo pior desempenho, devido à crise em seu mercado interno.

"Diante do desempenho global persistentemente fraco, há agora uma clara tendência de desglobalização", disse Rugman, de concentração no mercado principal. Isso explica, argumenta ele, porque algumas múltis estariam cogitando deixar a operação no Brasil.

#### **PROCESSO VAI SE ACENTUAR COM A ALCA, DIZ RUGMAN**

Para o economista Alan Rugman, a conseqüência natural do processo de desglobalização deve ser a maior dependência do Brasil do mercado e das multinacionais dos Estados Unidos.

"Com a Alca, vai aumentar a regionalização do comércio no continente americano. Isso implica que a maioria das múltis no Brasil serão dos EUA", afirmou.

"As empresas priorizam em suas estratégias a atuação regional, não global. Os números mostram isso", disse. E cita a rede de supermercados Carrefour como exemplo. "Apesar de ter forte presença no Brasil, 94% do faturamento do Carrefour vêm dos países da União Européia. E a UE aumentou a regionalização das empresas européias."

Segundo ele, o comércio intraregional cresce dramaticamente depois da assinatura de acordos de livre comércio. "Hoje, 57% do comércio dos países do Nafta é entre eles mesmos. Na União Européia, o percentual é ainda: 62% do comércio é interno."

O mesmo, prevê Rugman, deve acontecer quando a Área de Livre Comércio das Américas entrar em vigor. "Com a Alca, o Brasil entrará na região dos EUA e haverá uma diversificação menor nas exportações brasileiras. O mesmo ocorrerá com o Chile."

Pelo acordo assinado em Quebec (Canadá), o Alca deve ser implementada em 2005. Em agosto, o presidente dos EUA, George W. Bush, recebeu autorização do Congresso americano para negociar acordos como o da Alca. Esse era o grande empecilho ao avanço das negociações”.

## ACONTECE

# Manifestações religiosas no mundo contemporâneo

De 11 a 13 de setembro, aconteceu o Congresso Internacional de Ensino Religioso, denominado *Manifestações Religiosas no Mundo Contemporâneo - Interfaces com a Educação*, no Anfiteatro Pe. Werner. Com o objetivo de promover a discussão interdisciplinar, envolvendo a Educação e as Ciências da Religião, e levantar subsídios teóricos e práticos para o Ensino Religioso nas escolas, o evento reuniu 400 pessoas de diversos Estados. O Congresso foi promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos com a cooperação do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso (Fonaper) e contou com a presença de diversos estudiosos do assunto, do Brasil e do exterior. A seguir, apresentamos as entrevistas concedidas ao *IHU On-Line* por dois dos conferencistas do evento: Hans-Jürgen Fraas, da Universidade de Munique e James Fowler, da Emory University (EUA). Agradecemos ao Prof. Dr. Danilo Streck pela tradução das entrevistas.

***IHU On-Line-*** Quais são para o Sr. as principais teorias da religiosidade humana?

**Hans-Jürgen Fraas-** São as teorias que partem da ação de Deus. Seria o conceito de conversão. Esse conceito não é científico, mas a gente pode interpretar a conversão a partir da *gestalt*, como uma mudança do quadro de referência. A conversão ocorre freqüentemente, quando as pessoas experimentam uma mudança importante em suas vidas. Acontece muito com pessoas que deixam sua terra e vão para a cidade. Uma outra teoria importante é a da religiosidade inata. Ela diz que toda pessoa traz consigo a religiosidade como algo inato. Mas na Europa, por exemplo, a experiência nos países que foram comunistas, desmente essa teoria. Lá, depois da terceira geração, as pessoas não são mais religiosas. Setenta por cento (70%) da população da ex-Alemanha Oriental se declara sem religião. A partir desses fatos, a teoria da religiosidade inata não se sustenta. Uma outra explicação é a teoria do numinoso. O numinoso representa a limitação da vida. Esta finitude humana é muito percebida na relação com a natureza. Na sociedade industrial, a natureza perde seu encanto para as pessoas. Isso poderia explicar por que os povos da América Latina são mais religiosas que os da Europa: porque estão mais próximos da natureza.

***IHU On-Line-*** Qual é, segundo o Sr., o enfoque antropológico que está na base da visão religiosa da pessoa humana?

**Hans-Jürgen Fraas** -O meu enfoque antropológico-cultural consiste em ver o ser humano como um ser da natureza, mas ele também se destaca da natureza, ele se coloca diante da natureza. Ele não precisa, como o animal, responder diretamente a cada estímulo, pois pode estabelecer uma pausa entre o estímulo recebido e a reação que ele tem. E nessa pausa fundamenta-se a cultura.

*IHU On-Line*- Então, a dimensão religiosa estaria dentro da dimensão cultural?

**Hans-Jürgen Fraas**- Sim, entendendo cultura como aquilo que o ser humano constrói, aquele dar forma para suas relações. Há três dimensões nas relações que se constroem: mundo-natureza; sociedade-pessoas; e a relação com o Universal, que as religiões chamam de Deus. A pessoa é levada à cultura pela formação. A educação religiosa, portanto, é sim um elemento da cultura. Se a sociedade tem um compromisso em relação à educação, então a educação religiosa necessariamente faz parte desse compromisso. Podemos concluir que cada pessoa tem direito a uma educação religiosa e a sociedade tem o compromisso com essa educação.

*IHU On-Line*- Inclusive em Estados seculares...

**Hans-Jürgen Fraas** - O Estado secular precisa disso, porque ele também depende do fato de que os cidadãos têm uma relação com o transcendente. No contexto do Estado, a religião precisa ser inter-religiosa. Religião é uma questão emocional e social. Essa educação inter-religiosa precisa ter como pressuposto que as crianças tenham um enraizamento numa tradição religiosa. Esse não é o caso em grande parte da Alemanha, porque as crianças não têm. É muito difícil falar em inter-religiosidade nesses casos.

*IHU On-Line*- Nesses casos, como pode ser trabalhado o Ensino Religioso?

**Hans-Jürgen Fraas**- Deve-se tentar criar condições para que haja experiência religiosa. Por exemplo, indo com as crianças para as Igrejas ou convidando pessoas que vivem a religiosidade como experiência intensa. É muito difícil recuperar o que se perdeu na socialização primária inicial. A industrialização e a tecnologização levaram a uma secularização com prejuízo para a tradição religiosa.

*IHU On-Line*- Quais os aspectos que mais favorecem e quais mais dificultam a experiência religiosa nesta sociedade globalizada?

**Hans-Jürgen Fraas**- O extremo individualismo prejudica a experiência religiosa. Por outro lado, na possibilidade pós-moderna de o homem construir seu mundo a partir de múltiplos fragmentos, há uma chance de que cada nova geração esteja, em princípio, exposta a experimentar a religião. O problema é que a sociedade de mercado e consumo conduz essa nova possibilidade para caminhos falsos.

## OS ESTÁGIOS DA FÉ

### ENTREVISTA COM JAMES FOWLER

James Fowler, da Emory University (EUA), abordou, na sua Conferência, o tema Desenvolvimento Humano e Religioso. Fowler, hoje radicado na Emory University de Atlanta, onde leciona e dirige, desde 1994, um “Centro para Ética em Políticas Públicas e Profissões” (Center for Ethics in Public Policy and the Professions), notabilizou-se por seus estudos sobre fé humana e pessoal, que tiveram como marco inicial uma pesquisa por ele realizada de 1974 a 1977, na Harvard Divinity School. Fundamentando-se em Erikson, Piaget, Kohlberg, Selman e outros psicólogos do desenvolvimento, construiu Fowler uma sólida e bem articulada teoria do desenvolvimento da fé – fé humana, não

necessariamente religiosa - em sete estágios cuja seqüência, ao longo da vida, vai sendo, cada vez mais, comprovada e aceita como comum a todos os membros da família humana, sejam quais forem suas peculiaridades étnicas e culturais.

Os resultados da pesquisa inicial foram publicados em livro por Harper & Row em 1981. Dos 14 livros dos quais Fowler é autor ou co-autor, é este o único traduzido para o português (*Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. S. Leopoldo: Ed. Sinodal, 1982).

Seu projeto, transferido para a Emory University, institucionalizou-se, dando origem a um “Centro de pesquisas sobre fé e desenvolvimento moral”, dirigido pelo próprio Dr. Fowler, de 1980 a 1987.

*IHU On-Line* conversou com James Fowler durante o Congresso.

***IHU On-Line-*** Quais os inspiradores da pesquisa sobre fé e desenvolvimento humano?

**James Fowler-** A pesquisa tem suas raízes em Jean Piaget que estudou o cognitivo. Tem raízes no trabalho de Lawrence Kohlberg. Ele estendeu o trabalho de Piaget para a área de desenvolvimento moral. E também um trabalho de Erik Erikson que estudou as idades e os estágios dos ciclos de vida. Ele tinha um profundo senso de moralidade de fé. Também tem alguns paralelos com Paulo Freire em seu trabalho de conscientização. Trata-se de olhar criticamente para o ambiente em que se vive em vez de se tornar um agente desse ambiente. O trabalho empírico, com mais ou menos 600 pessoas, foi repetido em vários lugares do mundo por outros pesquisadores.

***IHU On-Line-*** Como caracterizaria esses diferentes níveis do desenvolvimento?

**James Fowler-** Nós identificamos sete estágios no processo de desenvolvimento da fé, nos quais estão incluídas as atividades cognitivas, a sabedoria simbólica, a consciência ética e a sensibilidade e a habilidade de tomar perspectiva de outros, das pessoas individuais. Esses estágios tentam dar conta de fatores cognitivos e emocionais no desenvolvimento e enriqueceram a nossa compreensão do que é a educação religiosa e o que ela pode fazer. Também dá condições de verificar diferenças numa população ou entre populações. O desenvolvimento entre esses estágios não é automático. Assim, há contextos que nutrem e dão condições para o desenvolvimento. Se olharmos para a sociedade, veremos pessoas de diferentes lugares em diferentes estágios. É uma maneira de ajudar a visualizar, encaminhar e ajudar a resolver conflitos na sociedade.

***IHU On-Line-*** De que maneira essa classificação em estágios pode ajudar a resolver conflitos sociais?

**James Fowler-** Podemos olhar para a situação dos EUA que pode ser semelhante a do Brasil. Lá temos fundamentalistas e outros que são mais liberais. No sistema do desenvolvimento da fé, os fundamentalistas se situam no estágio da fé literal mítica. Seus padrões de pensamento tendem a ser, como diz o nome desse estágio, literais. E, muitas vezes, estão imbuídos de emoção. Acontece porque os fundamentalistas se sentem perseguidos. Se uma pessoa que está em outro estágio de fé mais avançado, entra em contato com um fundamentalista, para ter uma relação que favoreça o crescimento, ela não se deve contrapor, nem desconhecer o fundamentalista. O melhor meio de estabelecer relações são histórias, narrativas. Elas se constituem num espaço de encontro. Em vez de focar nos conflitos, é importante perguntar o que, naquela

narrativa, é tão importante para a pessoa. Podemos constatar que pessoas em diferentes estágios lêem a narrativa de diferentes maneiras.

**IHU On-Line** - Isso criaria um espaço de igualdade entre os diferentes estágios?

**James Fowler** - Sim. É importante manter uma igualdade nessa conversação. Os dois lados muito provavelmente vão tender a ser defensivos. Tendo em conta o trabalho de Paulo Freire, concluímos que ouvir a história ajuda a desinstalar as próprias narrativas. Assim, de certa forma, ajudamos a construir um lugar de encontro na história, na narrativa. Quando esse processo continua, nós talvez não concordemos com a interpretação da história de forma definitiva. No entanto, há um alargamento de inclusão, porque cada um de nós tem estado atento, tem escutado. Respeito mútuo ajuda a construir confiança mútua. A pessoa que está em um estágio de fé mais avançado pode aprender bastante do estágio de fé de uma pessoa fundamentalista. Se nós olharmos para a Bíblia, poderemos ver que nenhum desses estágios pode compreender todos os elementos da verdade. Mas o conhecimento desse quadro de referência dos estágios da fé ajuda a manter uma posição de compreensão de entendimento da situação.

**IHU On-Line**- Os primeiros estágios reconhecem uma dimensão de fé natural à pessoa?

**James Fowler** - O primeiro é o estágio de fé primordial é pré-lingüístico. A fé começa com a formação de relações de amor entre as pessoas, da criança com os pais e outras pessoas. Forma imagens pré-lingüísticas sobre o mundo e a relação das pessoas. Já o segundo estágio é o da fé projetivo-intuitiva. Começa em torno dos 18 meses até mais ou menos 5 anos. É uma fase especialmente imaginativa. A criança é estimulada por histórias, por gestos e símbolos e não é controlada pelo pensamento lógico.

**IHU On-Line**- E a partir daí como é sua evolução?

**James Fowler**- Dos 5 aos 7 anos, há uma transição na direção de uma fé mítico-literal. A criança entende as relações de causa-efeito e começa a vivenciar o que eu penso e sinto, o que você pensa e sente. A fé é melhor apreendida através da narrativa. Podem existir também adultos neste estágio de fé. Os fundamentalistas estão neste estágio. Leis e interpretações literais feitas por outros são mais importantes que as próprias.

Quando nos aproximamos da adolescência, dos 11 aos 15 anos, pode haver um período de transição para a fé convencional e sintética. Na Igreja cristã, corresponde ao período quando ajudamos a criança a ser membro da Igreja pela comunhão, pela confirmação, etc. É um rito de passagem. É quando alguém começa a pensar sobre seu próprio pensamento. Piaget chamava isso de primeiro momento de pensamento operacional. Em termos de fé, alguém toma as histórias que aprendeu nesse estágio e reflete sobre seu significado. E pode, muitas vezes, ter um debate com as histórias ou conflitos de interpretação. A pessoa está começando a formar o seu próprio estilo de fé e reclamando ser membro de um corpo maior. E assim ritos de passagem são introduzidos para reconhecer esta sua passagem para a vida adulta.

**IHU On-Line**- Há muitas pessoas que permanecem nesse estágio?

**James Fowler** - Sim muitos adultos permanecem nele. Eles tendem a localizar a autoridade naqueles que estão em posição de autoridade. Para algumas pessoas, principalmente as que têm alguma forma de educação religiosa, pode haver um desenvolvimento na direção de uma fé reflexivo-individual, que seria o seguinte estágio. Enquanto essa pessoa está dentro da comunidade, circundada por outros, pensa como essa comunidade. Esse estágio representa

um deslocar-se, um sair dessa comunidade cognitivamente e uma maneira de entender como aquilo que se crê e o que se pratica estão conectados. Aqui não é apenas um compromisso pessoal com Deus, mas é também uma compreensão do que significa em termos de inserção social. Há ainda, em torno dos 40 anos, ou mais tarde, a possibilidade de a pessoa desenvolver o que se considera como uma fé conjuntiva, uma fé que é um pensamento dialético, porque permanecem juntas as tensões e as oposições. Ela reclama as próprias histórias e está aberta para as narrativas dos outros

**IHU On-Line-** E que características teriam as pessoas que estão no último estágio?

**James Fowler-** Esse estágio é bastante raro: a fé universalizante. Envolve um forte enraizamento na própria tradição, mas é marcado por um amor radical. Talvez Mahatma Ghandi, Madre Teresa...pessoas cuja vida mostra e inspira amor e cuidado tenham alcançado esse estágio. Foi muito interessante o desenvolvimento desta pesquisa que nos levou a reconhecer estes sete estágios, a partir de diálogos e entrevistas com pessoas tão diversas.

## O corpo Torturado

Quanta violência suporta um corpo? Em que ponto a violência pode ser considerada tortura? Buscando respostas a esses e outros questionamentos, a Unisinos realiza o *Congresso Corpo I. O Corpo Torturado*. Serão discutidas questões sobre tortura, linguagem, subjetividade e poder e seus reflexos na noção de humanidade. O congresso acontece de **17 a 19/9**, no **Auditório do Centro de Ciências Jurídicas**, direcionado a estudantes, professores e profissionais envolvidos com a questão do corpo. As **inscrições** ainda podem ser feitas no horário e local de início do congresso. Os painelistas foram escolhidos, pensando-se na pluralidade, percorrendo a filosofia, a antropologia, a sociologia, a literatura e a psicanálise. O antropólogo Georges Vigarello fará a **conferência de abertura**. Aluno de Michel Foucault e escolhido por ele para continuar a sua obra, Vigarello é autor dos livros *A história do estupro* e *O limpo e o sujo*, editados no Brasil.

Confira a programação completa:

### **Dia 17/09/2002 - terça-feira**

**Das 19h às 19h30min** - Credenciamento

**19h30min** - Abertura - Prof. Dr. José Ivo Follmann - Diretor do Centro de Ciências Humanas. Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino - Coordenador do PPG-Filosofia - UNISINOS. Prof. Dr. Danilo Romeu Streck - Coordenador do PPG em Educação - UNISINOS

**19h45min** - **Conferência:** Dos Suplícios

**Conferencista:** Prof. Dr. Georges Vigarello - École Des Hautes Etudes em Sciences Sociales-EHESS - Sorbonne

**Apresentação:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivete Manetzeder Keil - PPG em Educação – UNISINOS

### **Dia 18/09/2002 - quarta-feira**

**9h** - **Mesa- Redonda:** Metamorfoses do Corpo

**Participantes:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Élide Tessler - UFRGS

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia Tiburi - UNISINOS  
Prof. Dr. Marcio Seligmann-Silva - UNICAMP  
**Das 14h às 15h30min - Mesa-Redonda:** Metafísicas e Mortes do Corpo  
Participantes: Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls - UNISINOS  
Prof. Dr. Castor Mari Martin Bartolomé Ruiz - UNISINOS  
Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza - PUCRS  
**Das 15h45min às 17h30min - Comunicações:**  
**Metafísicas e Mortes do Corpo**  
**Coordenação:** Prof<sup>a</sup>. Maria Augusta Gonçalves - PPGedu - UNISINOS  
**Metamorfoses do Corpo**  
**Coordenação:** Prof. Dr. Roque Junges - PPG em Saúde Coletiva - UNISINOS  
**17h30min - Intervalo**  
**19h30min - Conferência:** Escrituras do Corpo  
**Conferencista:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Jeanne Marie-Gagnebin - UNICAMP e PUC-SP  
**Debatedor:** Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa - UFRGS

**Dia 19/04/2002 - quinta-feira**

**Das 14h às 15h30min - Mesa-Redonda:** Metáforas e Histórias do Corpo  
**Participantes:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivete Manetzeder Keil - UNISINOS  
Prof. Dr. Jaime Ginzburg - UFES  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silke Kapp - PUC - MG  
**Das 15h45min às 17h30 min - Comunicações**  
**Metáforas e Histórias do Corpo**  
**Coordenação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck - PPG História - UNISINOS  
**17h30min - Intervalo**  
**19h30min - Conferência:** Da Anatomia ao Desejo  
**Conferencista:** Dr<sup>a</sup>. Maria Rita Bicalho Kehl - APPOA  
**Debatedor:** Prof. Dr. Mario Fleig - UNISINOS  
**Apresentação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Paulon – Unisinos  
**22h – Encerramento**

## **Pedofilia e autoridade**

No passado dia 9 de setembro, aconteceu a palestra "*O que quer o pedófilo*" com o psicanalista Dr. Contardo Calligaris, no Anfiteatro Padre Werner. Na ocasião, *IHU On-Line* conversou com o Prof. Calligaris a respeito do tema abordado.

Contardo Calligaris (54) é psicanalista e doutor em Psicopatologia clínica. Formou-se em Epistemologia na Universidade de Genebra (Suiça), quando Jean Piaget ainda ensinava. Em Paris, fez sua primeira pós-graduação ("Diplôme d'Études Approfondies") em Semiologia com Roland Barthes na "École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales". Completou seu doutorado em 1993, com uma tese sobre a perversão como laço social. Logo passou no concurso francês de habilitação para o ensino de Psicopatologia e Psicologia Social. Sua formação psicanalítica aconteceu em Paris, onde ele se tornou membro da "École Freudienne de Paris" (escola fundada por Jacques Lacan) em 1974. Desde a dissolução dessa escola, ele é membro da direção da "Association Freudienne Internationale" e da Fundação Européia para a Psicanálise.

Em 1989, no Brasil, foi presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, da qual ele é membro. Nos EUA, ele é membro do conselho de administração da “Boston Graduate School of Psychoanalysis”.

Calligaris foi professor no departamento de psicanálise da Universidade de Paris VIII (o departamento fundado e dirigido por Jacques Lacan), de 1975 a 1980. Palestrou em várias universidades na Europa, na América do Sul e nos EUA. Seus últimos cargos: em 1996, foi professor visitante de Antropologia Médica na Universidade da Califórnia em Berkeley (administrando seminários de doutorado sobre a psicopatologia das migrações e cursos sobre o individualismo contemporâneo); em 2002, é professor visitante no “Institute for the Study of Violence” da “Boston Graduate School of Psychoanalysis”, em Boston.

Desde o fim dos anos 80, tanto em seus escritos quanto no seu trabalho clínico, Calligaris tenta redefinir o culturalismo numa perspectiva freudiana e lacaniana. Por isso seu interesse pela questão da violência (ele foi Fellow do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo), pela adolescência e pelo aconselhamento a pais de adolescentes (seu último livro é *Adolescência*), pelos efeitos psicológicos das migrações e pela obediência nos regimes totalitários (uma larga parte de sua tese de doutorado trata da complacência genocida do homem comum).

Calligaris escreveu sete livros e mais de 80 artigos (sem contar as contribuições à grande imprensa). Assinalamos: *Hipótese sobre o Fantasma na Cura Psicanalítica* (Artes Médicas); *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses* (Artes Médicas); *Hello Brasil, Notas de um Psicanalista Europeu Viajando ao Brasil* (Escuta), *Crônicas do Individualismo Cotidiano* (Ática); *Adolescência* (PubliFolha). Desde 1998, Calligaris escreve uma coluna semanal no caderno “Ilustrada” da *Folha de São Paulo*, em que trata de temas sociais e culturais do ponto de vista de um psicanalista.

**Ihu On-Line-** De que forma o Sr. aborda o assunto da pedofilia?

**Contardo Calligaris-** Tento definir um pouco o que é a pedofilia do ponto de vista clínico, que me parece o certo. Tento ver qual é a relação da fantasia pedofílica com o que sustentam todas as posições pedagógicas, inclusive a posição dos próprios pais, o que tem de fantasia reprimida pedofílica na nossa relação com as crianças em geral. Vou pensar um pouco no sentido de que se entenda por que, na modernidade, ou seja, nos últimos 250 anos, nós, ocidentais, começamos a pensar e acreditar que as crianças não têm sexualidade. Faz parte da nossa visão da infância, da infância inocente, essa espécie de ignorância sexual. É engraçado, porque parece que o fato de pensar que as crianças não sabem nada de sexualidade é o que autoriza a fantasia pedofílica. É uma pergunta que me faço, não sei se tenho a resposta, mas há alguma razão pela qual esses dois atos são complementares.

**IHU On-Line -** O que contém a fantasia do pedófilo?

**Contardo Calligaris -** A fantasia que, eventualmente, o anima, empurra, leva, é a fantasia de poder introduzir ao sexo, à sexualidade, alguém que, na cabeça dele, não saberia ainda nada disso. É a idéia de uma primeira vez, de uma iniciação ou alguma coisa que a criança, ou não necessariamente uma criança, não sabe direito o que é. Ela vai, nessa ocasião, descobrir. Então, de uma certa forma, é uma fantasia pedagógica.

**IHU On-Line -** Nos últimos tempos, tem aparecido na imprensa numerosos casos de pedofilia entre padres. Há os que, a partir desse fato, trazem a discussão sobre a abolição do celibato, sobre a homossexualidade na Igreja, etc., o Sr. acha que realmente tem a ver uma coisa com as outras?

**Contardo Calligaris** - Não. A questão é que o pedófilo procura profissões nas quais ele tem acesso às crianças. Claro, vai haver mais pedófilos professores, chefes de escoteiros, padres, pediatras do que bancários. Levanta-se a questão do celibato: parece que, se os padres pudessem casar-se, não haveria pedófilos entre eles. Para defender o celibato facultativo, pode haver outras razões, mas não essa. Há a decisão de que não haja mais padres homossexuais. Ora, a escolha do sexo de nossos parceiros (que seja o mesmo que o nosso ou não) é independente das fantasias sexuais que nos excitam. É possível ser pedófilo, exibicionista, *voyeur*, coprófilo, etc., sendo heterossexual ou homossexual. Então não é que o padre vire pedófilo, porque seja homossexual ou porque não lhe seja permitido casar. O pedófilo busca essa como outras profissões que lhe dêem essa autoridade com as crianças.

**IHU On-Line** - Em um artigo, o Sr. questionava a autoridade dos pais, baseada na experiência como algo que asfixia os filhos. Em que se basearia uma "autoridade sadia"?

**Contardo Calligaris** - O que eu constato é que para os adolescentes é completamente intolerável escutar os pais, ou os adultos em geral, dizerem que a autoridade deles deveria ser respeitada, porque eles também já tiveram aquela idade. É o argumento do estudante do terceiro ano sobre o estudante do primeiro ano ou, no serviço militar, do soldado, que acaba de chegar e limpa os sapatos de todo o mundo, com o argumento de que precisa adquirir experiência. O problema é que, para todos nós, isso é uma das condições da modernidade, a autoridade é algo muito fraco. Não sabemos muito bem o que nos faz ter autoridade sobre nossos filhos ou sobre nossos alunos. Não entendemos muito bem, porque, a partir do momento em que não acreditamos mais que a autoridade seja propriamente divina, que ela nos venha por dom divino, não acreditamos que seja um efeito da ordem natural das coisas. Então, a autoridade se torna muito misteriosa, muito precária.

**IHU On-Line** - Há uma sobrevalorização da experiência como forma de conhecimento?

**Contardo Calligaris**- A experiência é uma das maneiras clássicas, modernas de conhecimento. O que define o sujeito moderno é que tudo o que ele é, ele deve a si mesmo. Em princípio, o meu valor não é porque eu nasci no lugar certo e na hora certa, contrariamente ao que podia acontecer com um aristocrata do século XVIII, a princípio o que eu sou, eu devo às experiências que eu acumulei, à minha história de vida. É aí que eu procuro o que justifica o meu currículo, o que faz a minha experiência. O problema é que o campo da experiência é tão variável, tão pouco repetitivo, que, no fundo, a criança que diz "a experiência vale para ti, a minha é outra", faz muito sentido.

**IHU On-Line** - Em que fundamentar a autoridade para que não traga esses efeitos de imposição?

**Contardo Calligaris** - Não sei, não tenho uma teoria própria sobre isso. A única coisa que eu sei fazer um pouco, porque faço no meu trabalho, é falar com os pais e seus filhos adolescentes juntos e tentar inventar soluções capengas, que durem um certo tempo.

**IHU On-Line** - O Sr. também tem falado sobre a forma de viver a sexualidade no Brasil como uma espécie de coerência com uma "identidade nacional" que é um estereótipo Como seria isso?

**Contardo Calligaris** - Eu comentei um livro de Judith Levine. A idéia dela, que eu acho completamente certa, sobretudo nos cursos de educação sexual para adolescentes, parte de uma constatação. Ela listou razões pelas quais os

adolescentes teriam relações sexuais precoces. Segundo eles, é para se firmarem, se sentirem adultos. O prazer não é levado em consideração. E é verdade que, quando os adultos falam com os adolescentes, ou chegam a falar de sexo com os adolescentes, têm uma quantidade de argumentos preventivos: "te cuida, é perigoso, não traz vírus para casa, uma doença venérea, etc." Curiosamente, a importância do prazer na experiência sexual é completamente negligenciada, não falada. Bom, eu quero dizer o seguinte: o Brasil transmite a visão exótica de um lugar onde o prazer sexual é valorizado, mas isso se tornou um elemento de identidade nacional. É uma situação que é muito mais do que vivida no cotidiano, faz parte dele, é o que as pessoas dizem, ou pensam, porque é uma maneira de assumir a si mesmas ou de assumir uma identidade.

**IHU On-Line-** Poderia haver uma relação entre a forma como se vive a sexualidade nessas culturas (seja por "ser adulto", seja por assumir uma "cultura nacional obrigatória") com a pedofilia?

**Contardo Calligaris-** Sem dúvida, o que nós hoje reconhecemos e chamamos de pedofilia é um fenômeno cultural, porque todos estes traços e elementos não fazem sentido fora da modernidade. Por exemplo, não haveria pedofilia, se não pensássemos que as crianças são inocentes e ignoras em matéria sexual. E de fato, um argumento sem fundamento que ouvimos, às vezes, sobretudo pelas organizações que promovem a pedofilia, sites on-line, associações nos EUA, é dizer que, na Grécia antiga, ela era legal e Sócrates fazia isso com seus alunos. É possível. O problema não é esse. É que a cultura não é a mesma e por isso hoje é absolutamente danoso para as crianças. Nada nunca é absoluto.

## Idoso 2003

A prof. Olga Colinet Herédia participou do *Projeto Idoso 2003, uma preparação para a Campanha da Fraternidade*. O evento é uma promoção do Curso de Especialização em Gerontologia da PUCRS em parceria com a CNBB e é destinado a todos aqueles que serão agentes da CF 2003. O objetivo do curso é preparar a comunidade para conhecer melhor o idoso e o processo de envelhecimento, além de dar conhecimentos básicos de gerontologia e, dessa forma, colaborar com a Campanha da Fraternidade de 2003. Segundo a profª Olga, o evento se propõe a conscientizar o idoso para a construção de uma melhor qualidade de vida e modificar aquela imagem estereotipada que as pessoas fazem do "vovozinho" para a do idoso sujeito e cidadão. "É a redescoberta da dignidade humana do idoso", disse. O curso se estende até dia 10 de dezembro.

A profª Olga Colinet Herédia foi responsável pela abertura do Curso, no dia 10 de setembro, com o tema *O envelhecimento no mundo atual*.

### A FUNÇÃO SOCIAL DA PROPRIEDADE

No dia 19 de setembro *IHU Idéias* estará apresentando o livro *A função social da propriedade, o papel do Judiciário diante das invasões coletivas*, por Ivan Ramon Chemeris. Ivan é graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFRGS; Juiz de Direito aposentado pelo TJRS; professor universitário (lecionou na Univale e Unisc); advogado, membro do Instituto dos Advogados do RS e da Comissão Especial de Acompanhamento da Constituição e Assuntos Institucionais da OAB/RS.

Domingos Sávio Dresch da Silveira, Procurador Regional da República e Professor da Faculdade de Direito da UFRGS, apresenta o livro da seguinte forma.

"No desenrolar do trabalho, Ivan Ramon Chemeris procurou construir a fundamentação teórica do papel do Poder Judiciário diante de ocupações coletivas, concluindo, fundado na força normativa do princípio constitucional da função social da propriedade, que "apenas tem direito à proteção e tutela jurisdicional urgente a propriedade ameaçada que tem aproveitamento racional e adequado na forma do artigo 186, da Constituição Federal de 1988 (...), pois a propriedade não seria apenas um meio para a consecução de interesses particulares, mas sim um instrumento para assegurar a todos condições de vida digna e de pleno exercício da cidadania".

### BIOGRAFIA DE UMA ÁRVORE

No dia 26/09/02 acontecerá a apresentação do livro: *Biografia de uma árvore* - Editora Escrituras, com Fabrício Carpinejar, que é poeta, jornalista e mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS. Atualmente trabalha na Assessoria de Imprensa da Unisinos.

*IHU Idéias acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103.*

## Livro da Semana

### ***RAÍZES DA MODERNIDADE- ESCRITOS DE FILOSOFIA 7*** ***HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ***

Henrique C. de Lima Vaz, *Raízes da Modernidade – Escritos de Filosofia 7*, São Paulo: Loyola, 2002, 292 págs.

Apresentamos como livro da semana um livro que já comentamos no IHU Online quando da morte do seu autor, Henrique C. de Lima Vaz. Reproduzimos na íntegra a resenha do livro publicado no **Jornal de Resenhas, Folha de S. Paulo**, 14-9-02. A resenha, sob “Entre a razão e a fé. A crise da filosofia no século 13” é de autoria de Raul Landim Filho. Raul Landim Filho é professor titular de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de “Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano” (Loyola).

#### **ENTRE A RAZÃO E A FÉ** **A CRISE DA FILOSOFIA NO SÉCULO 13**

“Em 23 de maio de 2002 morreu o padre Henrique Vaz, SJ, certamente o mais importante, produtivo e influente filósofo cristão brasileiro. No mesmo dia de sua morte, vinha à luz o que seria o seu último livro, “Raízes da Modernidade”. Em agosto de 2001, por ocasião da comemoração dos seus 80 anos, foi reeditado o primeiro livro publicado por H. Vaz nos idos de 60, “Ontologia e História” (agora fazendo parte da coleção “Escritos de Filosofia 6”), uma coletânea de artigos que teve enorme influência sobre uma geração, pois nele se encontram os célebres textos “Marxismo e Ontologia” e “Cristianismo e Consciência Histórica”, além de vários outros artigos sobre a ontologia clássica. Apesar da distância no tempo e na história, esses dois livros, publicados originalmente em épocas tão diferentes, atestam, no entanto, a unidade temática da reflexão de H. Vaz.

Essa unidade poderia ser expressa pela questão que, em “Raízes da Modernidade”, é formulada da seguinte maneira: “Como fazer conviver Fé e Razão na unidade de uma mesma cultura e na expressão coerente das idéias e convicções de um mesmo espírito?”. Questão central para os filósofos medievais, pois no seu solo teórico se entrecruzaram elementos da cultura cristã, vindos da patrística, que se harmonizaram ou se contrapuseram à cultura pagã, oriunda da razão filosófica grega. Dessa confluência de culturas heterogêneas brotou a crise do século 13, que contém as sementes da formação da razão moderna cartesiana e pós-cartesiana.

#### **A RAZÃO MODERNA**

“Raízes da Modernidade” é, assim, uma análise histórico-conceitual da gênese da razão moderna. Mas é também uma reconstrução da batalha conceitual travada no século 13 sobre as relações entre saber filosófico e saber teológico. Ao analisar esse confronto, H. Vaz destaca a posição original de Tomás de

Aquino: a filosofia tomásica harmoniza de uma maneira coerente discurso filosófico e discurso teológico e sobretudo formula uma metafísica cuja originalidade consiste em deslocar a inteligibilidade última do ente do plano das essências para o plano do ato de existir (ser). O abandono da metafísica do ser, iniciado pela filosofia de Duns Scot, prosseguido pela filosofia nominalista de Ockham e pela metafísica de Suarez, preparou o advento da razão moderna.

Como é sabido, a crise do século 13 teve como principais protagonistas são Boaventura, Tomás de Aquino, Siger de Brabant e o bispo de Paris, Etienne Tempier (responsável pelas célebres condenações de 1270 e de 1277, esta incluindo algumas teses tomásicas). De fato, a crise do século 13 exprime a dificuldade de delimitar do ponto de vista teológico a função do discurso filosófico. Ela manifesta de maneira aguda os conflitos de uma cultura que assimilara e integrara diversas interpretações neoplatônicas à cultura cristã, mas que ainda não conseguira assimilar a metafísica e a filosofia natural aristotélica, que parecia se opor não só ao neoplatonismo, mas também às concepções cristãs.

### SABER AUTÔNOMO

A partir de 1255, a Faculdade de Artes (da Universidade de Paris, que se transformara no principal centro cultural da cristandade) incorporou as obras então conhecidas de Aristóteles ao seu currículo obrigatório. De fato, a Faculdade de Artes se transformara paulatinamente numa autêntica Faculdade de Filosofia. Ora, um dos fatos mais significativos dessa época é que a filosofia passa a ser considerada por alguns professores da Faculdade de Artes como um saber autônomo e supremo quer do ponto de vista da razão teórica, quer do ponto de vista da razão prática. Obviamente os termos do problema da relação entre filosofia e teologia são, então, invertidos: não é mais o saber filosófico, mas é a própria teologia que deve se justificar como saber. A relação entre as razões da fé e as razões filosóficas se torna problemática.

Contra a opinião de alguns dos professores da Faculdade de Artes, eleva-se são Boaventura, que, assumindo nessa questão a concepção de santo Agostinho, subordina a filosofia à teologia e põe em questão a própria autonomia do saber filosófico. S. Tomás participa desse debate diretamente, seja escrevendo um opúsculo "Sobre a Unidade do Intelecto", em que critica a interpretação que Averróis dera à tese aristotélica sobre a unicidade do intelecto possível (tese que fora assumida por Siger de Brabant, professor da Faculdade de Artes), seja escrevendo o opúsculo sobre a "Eternidade do Mundo", em que mostra, contra Boaventura e seu discípulo, Jean Pecham, que o início temporal do mundo (não a sua contingência) é uma tese que só a fé pode sustentar e que não pode ser demonstrada pela razão filosófica.

S. Tomás participa também indiretamente do debate escrevendo vários comentários sobre textos de Aristóteles, pretendendo, dessa maneira, formular uma interpretação correta da filosofia aristotélica. Reconhecendo a autonomia do saber filosófico e harmonizando-o com o saber teológico ("já que Deus é a única fonte das duas ordens de verdade"), s. Tomás assume uma posição original, diferente da de s. Boaventura e da dos mestres da Faculdade de Artes.

Segundo H. Vaz, a originalidade da posição de Tomás de Aquino na crise do século 13 se apóia em sua metafísica do ser, que se inspira, em última instância, numa reflexão sobre a noção bíblica de criação ou mesmo sobre o que foi denominado por E. Gilson como a "Metafísica do Êxodo", metafísica extraída da autodefinição bíblica de Deus: "Eu sou o que Eu sou". Esse parece ser um caso exemplar "da dialética de fé/ razão": a razão, iluminada pela fé, se harmoniza com ela dando-lhe uma maior inteligibilidade e se enriquecendo com os novos problemas trazidos por ela.

Mas como demonstrar, por métodos estritamente racionais, a tese central da metafísica tomásica de que o ser é raiz última de inteligibilidade ou que, segundo as próprias palavras de Tomás, "é o ato de todos os atos, a perfeição de todas as perfeições"?

Prolongando e aprofundando as reflexões de J. Maréchal e conciliando-as com as de E. Gilson, H. Vaz demonstra que é na afirmação do ato judicativo que se efetua o conhecimento do ser. De fato, no ato judicativo (particularmente no juízo existencial) é afirmado que algo é. H. Vaz não justifica em detalhe essa tese de que é no juízo que se conhece o ser. Ela foi um dos temas centrais das disputas neotomistas do século 20; foi intensamente discutida, criticada ou defendida. H. Vaz parece remeter a justificação dessa tese ao seu magistral artigo "Tomás de Aquino: Do Ser ao Absoluto", publicado no livro "Filosofia e Cultura - Escritos de Filosofia 3". No ato judicativo, graças ao princípio lógico-ontológico de contradição, algo é posto como ser. A reflexão metafísica sobre o ato judicativo possibilita o reconhecimento de que o ser é um ato, isto é, é uma perfeição, e que é também razão de conhecimento. O ser é, então, apreendido como ilimitado, o que permitirá o estudo das relações entre o Ser Absoluto e os entes finitos.

### O ENTE FINITO

H. Vaz analisa, em "Raízes da Modernidade", com invejável erudição, precisão conceitual e limpidez de estilo as noções de Ser Absoluto e de ente finito. Os capítulos dedicados ao estudo do ente finito são magistrais: o problema da criação, da composição real no ente finito de existência (ser) e de essência, o da noção de participação e o da analogia são abordados de uma perspectiva histórico-conceitual: as raízes gregas dessas noções são analisadas, as suas múltiplas interpretações medievais são mencionadas; finalmente é formulado um esclarecimento da questão na perspectiva da filosofia de Tomás de Aquino. A metafísica do ser tomásica que afirmara a transcendência do Ser Absoluto e a sua imanência no ente finito, conciliando, sob esse aspecto, saber filosófico e saber teológico, começa a ser posta em questão por Duns Scot, que inaugura o que hoje em dia se convencionou chamar de onto-teologia: a hierarquização ascendente de perfeição dos entes coroada pelo ente supremo. A noção de ser, absorvida na noção unívoca de ente, as teses da distinção real entre essência e existência, a noção de participação "vertical" são progressivamente postas de lado, o que prepara o advento da razão moderna, que substitui a metafísica do ser pela metafísica da subjetividade e, em consequência, a noção de Ser Absoluto pela de Sujeito Transcendental.

Mesmo quando retoma a questão suscitada pela metafísica do ser (como tornar inteligível a existência, ou melhor, como equacionar razão e existência?), o que Descartes, por exemplo, com o "cogito" tentara fazer, a filosofia moderna, imanentizando o saber, rompe com a harmonia entre as razões da fé e a razão filosófica. Ela se torna assim a mais contundente crítica da razão medieval, pois confina o saber nos limites estritos da razão.

Em "Raízes da Modernidade", Henrique Vaz nos sugere que uma reflexão sobre a metafísica do ser tomásica poderia ajudar o filósofo, em especial o filósofo cristão, a romper com o impasse em que a razão moderna o colocou".

# ENTREVISTA DA SEMANA

ALAIN JOXE  
A POSSÍVEL GUERRA EUA X IRAQUE

Alain Joxe, em entrevista ao jornal argentino **Página 12**, 7-9-02, analisa a possível guerra Eua x Iraque. A entrevista é intitulada assim: “Esta guerra é um keynesianismo militar”. Alain Joxe é um dos mais maiores especialistas franceses em temas de defesa e segurança global. Ele é historiador e doutor em Sociologia Política e Estratégia e diretor da École des Hautes Études en Sciences Sociales e do Groupe de Sociologie de la Défense, na França.

## ESTA GUERRA É UM KEYNESIANISMO MILITAR

Traduzimos e reproduzimos na íntegra a entrevista de Alain Joxe.

**Página 12** – Donald Rumsfeld<sup>(1)</sup> disse que a Europa é uma não-identidade e acusou a União Européia de ser “hipócrita” em suas críticas aos Estados Unidos na medida em que a Europa depende de Washington para a sua defesa. Essa afirmação expressa uma política norte-americana que exclui a Europa ou na realidade Rumsfeld está batendo boca?

**Alain Joxe** – Talvez Rumsfeld diga isso porque não entende que a visão sobre a segurança que a Europa tem é muito diferente da que os Estados Unidos têm. A Europa não pode pensar sua segurança nos termos da “guerra contra o terrorismo”. Se bate boca, e se pensa que a Europa é hipócrita, pois bem, todos os poderes são hipócritas. E os Estados Unidos mais do que ninguém, porque quanto mais poder se tem, mais hipócrita se é.

**Página 12** – Como vai continuar esta guerra contra o terrorismo?

**Alain Joxe** – Não existe a guerra mundial contra o terrorismo. É uma guerra no Afeganistão contra uma seita árabe-saudita. Fora da declarada guerra contra o Iraque, todas as demais são fantasmas.

**Página 12** – A guerra contra o Iraque poderia ser outro fantasma? É difícil pensar que se arme um plano de guerra filtrando todos os dias detalhes de como será. Salvo se tratar de outra forma de “bate-boca”.

**Alain Joxe** – A guerra contra o Iraque não está definida. Acredito que nem mesmo eles tenham resolvido esse problema. Tampouco penso que se trate de uma cortina de fumaça, mas que não encontraram aliados na região para iniciar uma guerra. Além disso, o debate sobre a necessidade desta guerra já se instalou no país, motivo pelo qual a questão irá se alongando. Tampouco é preciso esquecer que a resistência da Europa e do resto do mundo é demasiado forte, e se for verdade que os Estados Unidos podem não lhe dar a devida importância por sua condição de superpotência única, também é verdade que perderiam toda a legitimidade moral para fazê-lo, o que ainda estão buscando. E a perda dessa legitimidade lhes dificultará ainda mais a aliança com os países árabes. Sobre o fato de que falem todo o tempo da guerra, é uma manobra de pressão: tentam ganhar terreno diplomático até tornar possível o ataque.

## EUA: UMA NAÇÃO IMPERIALISTA

**Página 12** – Se o ataque ao Iraque ocorrer, então nada teria mudado desde a Guerra do Golfo. Por outro lado, em sua conferência feita aqui em Buenos Aires você discute em várias passagens com as teses de Toni Negri e Michael Hardt

---

1 .- Secretario de Defesa dos EUA.

em **Império**. Em que medida o processo atual se ajusta a um Império, ou melhor, a um imperialismo clássico?

**Alain Joxe** – Penso que **Império** não leva em conta a questão militar: parece como se o Pentágono não existisse em suas colocações. Com Bush, os Estados Unidos se parecem mais a uma potência imperialista do que a uma potência imperial. Mas com uma diferença importante: os Estados Unidos não querem conquistar territórios nem realizar anexações. Não me importam muito as etiquetas, se é um império ou um imperialismo. Trata-se de um sistema virtual e ameaçador que dentro de cada Estado busca impor normas de tipo global. Neste sentido, os três países do Eixo do Mal de Bush são os Estados em sentido estrito, e por isso haverá guerra no sentido tradicional.

#### **EUA: O TERRORISMO HOJE É O QUE FOI O COMUNISMO ONTEM**

**Página 12** – O “terrorismo” recobre o que antes Washington chamava de “comunismo”?

**Alain Joxe** – A palavra “terrorismo” é usada para tudo e finalmente não quer dizer nada. O que é verdadeiramente novo é a rede Al-Qaeda, uma seita transnacional que só quer cometer atos de terrorismo. Quanto ao resto, há guerras de libertação nacional que tomam a forma de terrorismo. Há guerras de guerrilha, cruzadas por questões ideológicas, que tomam a forma de terrorismo. Assim, colocar o Bin Laden, os palestinos e a situação na Colômbia no mesmo saco do terrorismo é uma operação ideológica, sobretudo, porque ao fazê-lo exclui pensar as causas. O Iraque é um país “potencialmente terrorista”. Que quer dizer isso? O único terrorismo iraquiano é o interno. Para justificar a ação norte-americana, o terrorismo pode ser o equivalente atual de comunismo. Mas implica uma operação maior, a de colocar tudo no mesmo saco, quando com a União Soviética o comunismo era uma ameaça mais palpável.

**Página 12** – Você afirma que desde o fim da Guerra Fria o Pentágono começou a desenvolver o conceito de “guerra assimétrica”, mas que não chegou a traçar linhas de ação antes do 11 de setembro. Para as hipóteses de conflito do Pentágono, se não existisse a rede Al-Qaeda, seria preciso inventá-la?

**Alain Joxe** – O que se inventa é o terrorismo como culpável de tudo. O germen do terrorismo são as desigualdades, e não importa se Bin Laden é rico ou não. E a desigualdade não é apenas uma questão territorial: aparece cada vez mais forte, por exemplo, nos Estados Unidos. Haverá um Bogotazo, um Losangeço (referência a Los Angeles), etc., porque a desigualdade cruzou fronteiras e não respeita territórios. Os terroristas não estão do outro lado porque não há outro lado. O mundo inteiro é uma cidade rica com subúrbios pobres, ou seja, uma reserva inesgotável do chamado terrorismo. E se não se atacam as causas, então é preciso esmagar um a um todos os culpáveis. Isso é o que os Estados Unidos estão buscando e o que os diferencia da Europa.

#### **ESTA GUERRA É UM ‘KEYNESIANISMO MILITAR’**

**Página 12** – Você coloca que em todas as regiões nas quais os Estados Unidos alguma vez se ofereceram como garantes da paz (Colômbia, Oriente Médio, os Balcãs, etc.) a guerra só se intensificou. Toni Negri, por sua vez, disse recentemente que o projeto de Bush não vai funcionar e que vai voltar a uma lógica mais própria de Clinton. É possível que Bush fracasse, sobretudo porque só se baseia na força e não na construção de uma hegemonia ideológica?

**Alain Joxe** – O governo de Bush tomou a decisão de abandonar todos os processos de paz promovidos durante a era Clinton e passar à guerra. Nestes últimos meses foram aparecendo freios aos projetos de Bush. Vai se dando pouco a pouco, mas é evidente que se algumas regiões, como o Oriente Médio, continuam nesta dinâmica o conflito vai ser global. Não sei se Bush vai fracassar, mas vai lhe custar muito caro. Mas, queria avançar sobre uma idéia

que me parece que pode esclarecer este processo. Há uma razão estrutural pela qual o sistema imperial norte-americano se torna mais guerreiro. A crise do capitalismo é muito grave, e diante disso há somente dois modos de voltar a regulá-lo. O primeiro é tentar “saneá-lo”, promover a honestidade, que não haja fraude fiscal, etc. Mas estas são medidas ideais. O outro modo de regulá-lo é pela guerra. É provável que assistamos agora a um processo de keynesianismo militar. Então, é um pouco ingênuo pensar que Bush está louco ao tratar de impor uma guerra global sem nenhum consenso. Melhor, o governo Bush está pensando em voltar a dar fundamentos ao capitalismo através de uma economia de guerra, expansiva e intervencionista.

**Página 12** – Isto se pareceria à Grande Depressão e à Segunda Guerra Mundial.

**Alain Joxe** – Bom, agora já está se falando de um novo Bretton Woods (o acordo econômico mundial que originou o FMI e outros organismos internacionais). Mas Bretton Woods se deu depois, e não antes da guerra.

#### **ARGENTINA: UM DESASTRE PROVOCADO PELA ESPECULAÇÃO FINANCEIRA**

**Página 12** – Você colocou que na Argentina há “formas exemplares de resistência à violência econômica globalizada”.

**Alain Joxe** – Sim, mas não se sabe se isto será alcançado. A Argentina é um caso único de um desastre econômico relativamente não violento que vem da especulação financeira. A Argentina parece a representação civil de uma catástrofe: destruiu-se tudo, mas não houve uma guerra. É muito clintoniano. Olha-se muito para a Argentina, porque parece que não há saída para esta crise sem violação de todas as regras econômicas vigentes até ontem. Muito disso tem a ver com a anulação da dívida externa. Se algum tribunal econômico internacional pudesse estudar o processo de endividamento argentino e comprovar se efetivamente essa dívida foi feita em base a um delito e um crime organizado, então caberia pensar que ela é ilegítima. Sei que soa idealista, que nenhum país poderoso o permitiria, mas é preciso que essa batalha aconteça. Esta situação se parece à República de Weimar. Por isso a guerra global pode aparecer como uma saída e por isso é preciso buscar outra.

**Página 12** – Enquanto isso, a guerra global, na sua opinião, provocará mais atos terroristas, gerando uma espiral sem fim.

**Alain Joxe** – Sim. Olhe o que está acontecendo no Oriente Médio: matando a um chamado “terrorista”, geram-se muitas outras mortes. Os Estados Unidos continuarão sem se responsabilizar pelas causas. Por sorte já começou a discussão nos Estados Unidos. Agora se perguntam: “por que será que nos odeiam tanto?” É bom, pelo menos, que se perguntem.

## **FILME DA SEMANA**

### ***CIDADE DE DEUS***

*POR LUIZ VITA/CINEWEB*

Ultimamente tem havido uma insistência de parte da crítica brasileira em diminuir a importância e o alcance de filmes com temática social à flor da pele. Principalmente quando esses trabalhos obtêm alguma projeção internacional e ganham repercussão favorável na mídia especializada lá de fora. Em parte isso ocorreu com **O Invasor** e com **Abril Despedaçado**. Agora as canhoneiras voltam-se contra **Cidade de Deus**, o longa de Fernando Meirelles e Katia Lund. Era esperado. Quando o filme foi exibido no último Festival de Cannes, entre as dezenas de entrevistas concedidas durante nove dias por Meirelles e Katia,

apenas duas foram dadas a jornalistas brasileiros, entre os quais Neusa Barbosa de Cineweb. No balneário francês, a imprensa brasileira ignorou a dupla.

Procura-se agora, na boca da estréia, reduzir o impacto da obra com o pretexto de que os diretores tornaram glamourosa a miséria (eufemismo que embute uma pretensa familiaridade com o tema) e filmaram sob ótica publicitária. No lançamento de **O Invasor**, alguns ficaram incomodados com as imagens estouradas de Beto Brant e o rap de Sabotage a todo volume. Houve quem achasse o sertão de Walter Salles muito bonito para ser real. Como se o deserto, mesmo desprovido de água, não pudesse esconder alguma vida rastejante.

**Cidade de Deus**, retrato do surgimento de uma favela no Rio de Janeiro, quer mostrar para o pobre do morro e para o jovem dos shopping centers o país que nos foi entregue depois de duas décadas de ditadura militar e de governos civis hesitantes e incompetentes. A leitura precisa ser política, porque é disso que se trata.

Inspirado no best seller homônimo de Paulo Lins, Fernando Meirelles e Katia Lund recrutaram um primoroso elenco de jovens atores, de ONGs que desenvolvem trabalho cultural na periferia do Rio, para representar uma história semelhante às inúmeras que presenciam diariamente. O narrador é Buscapé (Alexandre Rodrigues), um jovem negro (como a maioria do elenco), que acompanha o surgimento de Cidade de Deus e sua rápida transformação de bairro dormitório em linha de montagem do tráfico de drogas. Seus amigos de pelada na rua também ganham nova projeção, na hierarquia do crime, passando de ladrões pés-de-chinelo a traficantes e matadores.

Como tantos outros jovens brasileiros, Buscapé gostaria de mudar de vida mas não sabe como. Seu irmão, metido com ladrões, foi morto gratuitamente por uma criança com pouco mais de meio metro de altura, mas de uma crueldade gigantesca. Buscapé sonha em se tornar fotógrafo e conseguir dinheiro para o sustento. Pode ser a porta de saída da favela.

A cena inicial, com os traficantes atrás de uma galinha que escapou da panela, numa frenética corrida pelos becos da favela, lembra as primeiras imagens carregadas de adrenalina de **Amores Brutos**, quando os protagonistas fogem numa perseguição de carro, com um cachorro ensangüentado no colo. Nos dois filmes é impossível prever o que está por vir. No filme de Fernando Meirelles, a cena traz um efeito cômico que pode servir de paradigma para o destino do próprio protagonista, sempre encurralado e precisando fugir para sobreviver. Na favela, se ficar o bandido pega, se correr a polícia mata.

Meirelles volta ao passado e retorna ao presente diversas vezes para mostrar as mudanças na vida e nas personalidades dos personagens principais. Mesmo um honesto cobrador de ônibus pode se transformar num matador frio, desde que um estalar de dedos desencadeie essa mudança. Como ocorreu com Mané Galinha (Seu Jorge), personagem verídico, que virou bicho quando o traficante Zé Pequeno (Leandro Firmino da Hora) estuprou sua mulher e matou seu irmão. Essa é a vida pretensamente glamourizada que Meirelles é acusado de criar.

As platéias mais jovens, com as quais os diretores querem falar, deverão gostar do alívio cômico introduzido ao longo do filme, num recurso não apenas de humor negro mas de puro cinismo.

A montagem extremamente ágil, obra de Daniel Rezende, é também mais um atrativo na forma de contar a história. É natural que o filme tenha imperfeições - poucas - pelas próprias dimensões e ambição do projeto, mas isto não compromete o resultado final. O roteiro, limado pacientemente por Braulio Mantovani em vários processos de tratamento, conseguiu tirar da obra de Paulo Lins seu caldo mais grosso e forte, por isso mesmo de difícil digestão para platéias mais sensíveis. Ao lado de **O Invasor**, **Abril Despedaçado** e **Latitude Zero**, de Toni Venturi, **Cidade de Deus** já reservou seu lugar entre os melhores filmes do ano.

O diretor Fernando Meirelles conseguiu, em parceria com Katia Lund, trazer a alma das favelas cariocas para ser discutida na imprensa e nas salas de cinema dos shopping centers. Inspirado no romance *Cidade de Deus*, best seller de Paulo Lins, agora relançado em edição reduzida em mais de 100 páginas, o filme tem o mérito de colocar em debate a dura realidade vivida pelos moradores da periferia do Rio de Janeiro, encurralados entre o poder de vida e morte dos traficantes e as arbitrariedades policiais.

Filmado durante nove semanas na favela de Cidade Alta, o filme conseguiu a façanha de já estar totalmente pago, antes mesmo de começarem as sessões no Brasil. Graças ao grande sucesso obtido no último Festival de Cannes, onde foi exibido fora de competição, **Cidade de Deus** já se pagou com as vendas ao mercado externo. Seleccionamos alguns trechos da entrevista que pode ser acessada na íntegra no sítio da cineweb.

**Cineweb** - Conte um pouco da história do projeto, como foi a sua parceria com Fernando Meirelles.

**Katia Lund** - Quando o Fernando chegou ao Rio, ele já estava com a quarta versão do roteiro e me procurou para a gente achar uma forma de encontrar os atores para esse filme. A gente sabia que não existiam 50 atores de comunidades, conhecidos, com esse perfil. Em junho de 2000 chamamos uma equipe com um coordenador e quatro atores de comunidades. O coordenador ligava para as comunidades, para os grupos de música e de teatro das favelas, e ia com os quatro atores até as comunidades para fazer um curso de cinema, em troca de vale-transporte e lanche. Nós resolvemos criar uma escola de atuação voltada para o cinema, chamada Nós e o Cinema, antes de entrar na pré-produção do filme. A pessoa que estivesse fazendo o curso se sentiria bem em estar completando um curso em vez de estar fazendo um teste para um filme.

**Cineweb** - Quantas pessoas foram entrevistadas?

**Katia** - Fizemos 2.300 entrevistas, que assistimos juntos com o Guti Fraga, um ator que trabalha com o Nós do Morro, uma ONG de teatro do Vidigal, e escolhemos 200 meninos para fazer o curso que rolou entre setembro e dezembro de 2000. Esse curso consistia principalmente de improvisação e de trabalho de grupo, com uma câmera filmando o tempo inteiro. O objetivo principal era deixar o pessoal mais à vontade possível, vivendo a situação. Nós não dávamos textos, dávamos uma situação. Eles se dividiam em grupos, ensaiavam e apresentavam uma improvisação para o resto do grupo. Eu e o Fernando participávamos do grupo para baixar o tom, do teatral para o coloquial, para respeitar o livro. O objetivo era viver a emoção, com pouca preocupação com câmera, marcação e texto.

**Fernando Meirelles** - No fim de cada aula nós sentávamos juntos e cada um fazia a sua ceninha. A preocupação era saber se o garoto estava vivendo o momento ou estava fingindo que viveu. Ele estava com medo ou parecia que estava com medo? Era um treinamento para sentir. Eu tenho uma teoria de que o ator nasce com o dom. É como um músico que pode ficar 40 anos no piano, mas nunca será um grande profissional se não tiver o dom. Entre essas 2.300 pessoas, puxávamos algumas que tinham carisma, num critério muito subjetivo. Devemos ter desperdiçado grandes talentos.

**Cineweb** - E como foi feita a preparação com os atores profissionais.

**Katia** - Alguns atores participaram desta primeira fase cujo objetivo era tirar a técnica dos profissionais. Eles tiveram muita dificuldade em perder a técnica. Ficavam fora do tom.

**Cineweb** - As crianças estão muito bem em cena. Naquela cena em que o Zé Pequeno faz um garoto dar um tiro na mão de outro, o menino parece estar mesmo chorando de verdade. Ele ficou com medo da situação?

**Fernando** - Essa cena foi ensaiada várias vezes pela Fátima Toledo, uma preparadora de atores que trabalhou em muitos filmes brasileiros, como **Pixote, Central do Brasil, Tainá, Eu Tu Eles**. O papel dela era trabalhar cada ator dentro de sua personagem. Nesse caso, na hora de filmar a cena com o Felipinho, que tem 6 anos, o Leandro Firmino, que interpreta o Zé Pequeno, foi tão convincente que a fantasia e a realidade se misturaram. Eu queria parar a cena mas a Katia mandou seguir. Foi muito angustiante. Quando acabamos de filmar a cena, abraçamos e beijamos o Felipe para acabar com aquele clima.

**Katia** - O Felipe tem experiência. Ele faz parte do grupo Nós do Morro, um grupo de atores do Vidigal. Ele já tem bagagem para saber que aquilo não é verdade.

**Fernando** - Há uma história ótima do pai dele. Quando eu fui mostrar o filme para o elenco chamei o Wander, o pai do Felipe, e disse para ele: "Olhe, há uma cena com seu filho que é pesada. Vou te deixar preparado." Ele respondeu: "Eu já estou acostumado, meu filho é ator." Quando acabou o filme eu perguntei o que tinha achado e ele me disse que ficou chorando 15 minutos depois da cena.

**Cineweb** - Como foram escolhidas as histórias do livro?

**Fernando** - O nosso roteirista, o Braulio [*Mantovani*], fez um trabalho insano, maluco. Ele fez um fichamento do livro, com a lista de todos os personagens, de todos os bandidos, em que página estão, resumo da trama de cada um deles. Ele acessa por personagem, por situação, por época. Ele fez um banco de dados. Na hora de escolher o que ia entrar e o que ficaria de fora, li o livro novamente e anotava em vermelho cenas que deveriam entrar no filme de qualquer jeito. Selecionando isso já jogamos dois terços do livro fora. E aí foi um exercício de empacotar tudo isso em 110, 115 páginas do roteiro. Compactamos, juntamos personagens. Na primeira versão chegamos a 150 páginas, o que daria um filme com mais de quatro horas de duração. Fomos cortando até chegar ao quarto tratamento. Aí começamos a pensar na produção. Nesse processo, a Katia deu mais idéias de roteiro, os garotos inventaram cenas nos ensaios. Eu escrevia a cena e mandava à noite para o Braulio, que enviava um outro roteiro já incorporando as idéias que estavam chegando. Nesse processo do roteiro sendo alimentado pelos ensaios, chegamos até o 12º tratamento. A locução do Buscapé foi reescrita cinco vezes. O Alexandre [*Rodrigues*], que faz o papel do Buscapé, veio a São Paulo três vezes para refazer toda a narração. O roteirista entrou em 98 e saiu em 2002.

**Cineweb** - Os atores também improvisaram em algumas cenas.

**Fernando** - Vários diálogos foram improvisados e acabaram sendo aproveitados porque ficaram muito bons. Houve uma seqüência longa do filme na qual os caras criaram com a câmera rodando. Na hora em que o Mané Galinha e o Sandro Cenoura iam sair para fazer um ataque, um dos atores perguntou para mim se eles não iam rezar. "Temos de pedir proteção", ele justificou. Eu não estava entendendo nada. Ele disse "deixe que eu puxo" e rezou um Pai Nosso todo errado. [risos]

**Cineweb** - Como foi fazer um filme sobre uma situação tão particular das favelas cariocas, sendo paulistano?

**Fernando** - Essa situação nas comunidades do Rio chega a ser mais surpreendente para mim do que para um morador da cidade, que já cresceu nesse contexto. Para mim tudo era surpresa. É um pouco o olhar do estrangeiro.

A surpresa que esse universo me causou é que me motivou a fazer o filme. Mas aí também entrou o trabalho da Katia, que tinha experiência e ficava o tempo todo me contando histórias, dizendo como funcionam as relações. Foi uma mão dupla de verdade.

**Katia** - O Fernando se mudou para o Rio um ano antes das filmagens. A gente sentava no chão, junto com os atores, num trabalho que durou cinco meses. A gente dava aulas das 9 da manhã às 10 da noite. Os atores também nos disseram que tiveram de pesquisar para fazer o papel deles. As pessoas acham que eles estão representando a vida deles, o que não é verdade.

**Cineweb** - Como vocês fizeram para filmar no local?

**Fernando** - A Cidade de Deus é na verdade dividida em quatro áreas. É um pouco instável. A gente tentava fazer um acordo para filmar, mas nunca sabíamos com quem estávamos falando. Você combinava uma coisa e não era exatamente com aquela pessoa. Muita gente dava palpite. Por isso resolvemos filmar na Cidade Alta que tinha um cara da associação de moradores que era responsável. O que você combinava com ele acontecia. Mesmo assim filmamos num cantinho de Cidade de Deus que se chama Jardim do Amanhã, onde ficava a boca do Sandro Cenoura. É uma parte mais nova da Cidade de Deus.

**Cineweb** - Em algum momento vocês viveram alguma situação de perigo?

**Fernando** - Foi um processo longo até a gente chegar à Cidade Alta e fazer uns acertos. Na realidade, a contrapartida de você filmar num lugar assim é dar possibilidade de trabalho para a comunidade. Toda a figuração, costureiras, pessoal de apoio, marceneiro, tudo isso era feito por gente da comunidade. Jogávamos areia no campinho de futebol, dávamos dinheiro para uma creche, um computador para outra associação. Tínhamos esse compromisso de trabalhar com a comunidade. O que os caras querem é trabalho.

**Cineweb** - Os meninos do grupo Nós do Morro já têm outros trabalhos engatilhados, não?

**Katia** - O elenco já terminou um curta, que participou do Festival Internacional de São Paulo, e está fazendo um documentário. Agora eles já estão trabalhando em quatro produtoras e com uma minissérie da Globo. Para o ano que vem estamos pensando em fazer um jornal comunitário. Na verdade eles já estão no mercado.

**Cineweb** - A grande curiosidade das pessoas é sobre a cena da fuga da galinha. Como ela foi feita?

**Fernando** - Deu um trabalho! Ficamos dois dias correndo atrás de galinha. Usamos uma pequena câmera e o César [*Charlone, diretor de fotografia*] a prendeu num cabo de vassoura. Ele saía correndo atrás da galinha dizendo "xô, galinha, xô, galinha", empurrando a galinha com a câmera. Como essa técnica era muito cansativa, arrumamos uma cadeira de rodas com a galinha e a câmera presas num sarrafo. A cadeira andava, o sarrafo balançava e dava a impressão que a galinha estava correndo. Eu fiquei com uma outra câmera no chão acompanhando a galinha correndo. Tinha que ficar arrumando melhores condições para filmar porque galinha é muito burra [*risos*]. Nas filmagens não morreu nenhuma galinha, mas depois elas viraram sopa.

(...)

**Cineweb** - Como foi a recepção do filme em Cannes?

**Fernando** - Foi muito acima do esperado. Quando chegamos lá, não tínhamos nem um cartazinho do filme. A gente achou que ia ter algumas entrevistas e só. Estava marcada uma sessão na noite de sábado e durante a tarde o filme foi apresentado para a imprensa. Começamos a dar algumas entrevistas e, depois da sessão da tarde, passaram a nos ligar. Tínhamos três dias agendados com entrevistas a acabamos ficando a semana inteira, das 10 da manhã até às 18 horas. Demos mais de cem entrevistas [*mas apenas duas foram solicitadas pela imprensa brasileira, uma das quais por Neusa Barbosa de Cineweb, publicada*

*durante o festival*]. Qualquer jornal que você mencionar fez matérias boas. Quem detonou o filme, com uma bolinha preta, foi a *Cahier du Cinema*. O *Le Monde* deu duas matérias: uma muito boa e outra dizendo que o filme era um videoclipe.

**Cineweb** - Na época alguns críticos chegaram a comparar seu filme com **Os Bons Companheiros**, do Martin Scorsese.

**Fernando** - Visualmente, da forma que é contada a história, não tem nada a ver. Mas tem uma coisa muito parecida: em **Os Bons Companheiros** há um garoto que quer entrar para a Máfia. É um cara de fora que explica como é a Máfia. Os protagonistas são os patrões dele. Ele fica de fora contando a história. Tem sempre alguém mais importante que ele na cena. Em **Cidade de Deus** há essa coincidência. O Buscapé é um garoto que mora ali e não se envolve. Ele está contando a história do Zé Pequeno, do Mané Galinha, às vezes ele esbarra nos personagens. Na verdade, isso é uma coisa meio arriscada para o roteiro. Qualquer manual de roteiro americano estabelece que a primeira regra é que o protagonista é quem conduz a ação. Colocar o protagonista fora da ação já é meio arriscado. Mas é assim em **Os Bons Companheiros** para explicar a Máfia e é assim em **Cidade de Deus** para explicar a entrada do tráfico nos morros.

**Cineweb** - Como você atraiu o Matheus Nachtergaele para o filme?

**Fernando** - Eu tinha visto o trabalho do Matheus no **Livro de Jó** e fiquei muito impressionado. Eu sabia que ele tinha filmado **O Que é Isso Companheiro?** A primeira coisa que eu fiz ao comprar os direitos do **Cidade de Deus** foi procurá-lo. A princípio eu queria que ele fizesse o Zé Pequeno. Ele topou. Três anos depois eu o convidei para um jantar para falar do filme, e a primeira coisa que eu falei para ele foi: "Cara, você me ferrou. Você não era conhecido e agora fez o **Auto da Compadecida**, fez um monte de novela e vai estragar o meu filme." E é verdade, porque a idéia do filme era não ter esse filtro, do ator fazendo o personagem. Queria que o espectador tivesse contato com o próprio personagem. O Matheus prometeu que iria desaparecer. Ele me disse: "Deixa que eu vou sumir do seu filme, vai ser o meu antitrabalho de ator e já estou adorando. Vou entrar no clima que existir." Nós demos o roteiro para ele, mas como ele soube que os outros atores não haviam recebido o roteiro, o devolveu e fez o filme sem conhecer a história. E se saiu muito bem, não dá para reparar que ele está lá.

**Cineweb** - Ninguém recebeu o roteiro?

**Katia** - Eles conheciam a história toda porque ensaiaram todas as cenas, mas a gente não queria dar um papel para eles porque senão eles iriam decorar. Nem a gente tinha roteiro.

**Fernando** - Era uma esculhambação [risos].

**Cineweb** - Gostaria que você falasse um pouco da montagem, que é muito criativa.

**Fernando** - A montagem é o trabalho de estréia do Daniel Rezende, um garoto de 24 anos. Ele era finalizador de publicidade. Às vezes, ao montar um filme publicitário, eu pedia para ele mudar alguma coisinha. Ele fazia o que eu pedia e apresentava também uma outra versão da montagem. E a dele era sempre melhor que a minha. Na segunda ou terceira vez que ele me humilhou eu o chamei para montar os filmes. Em **Cidade de Deus**, a descontinuidade é uma coisa que ele inventou. Ele desmontou muito mais o filme do que eu imaginava. Ele também sugeriu um terço das músicas que estão no filme. Ele era DJ. Fico muito feliz também porque nosso filme ainda nem foi lançado e ele já foi convidado pela Eliane Café e foi consultado pelo Walter Salles para montar os **Diários de Motocicleta**.

**Cineweb** - Como vocês chegaram ao Seu Jorge para fazer o personagem do Mané Galinha?

**Katia** - O papel do Mané Galinha foi o mais difícil. Era difícil achar o ator. Ele

tinha de ser um negro muito bonito e ainda por cima de olho azul e cabelo liso, como é no livro. O personagem não podia ser piegas. Não podia ser o bonzinho que virou mau. Tinha de ser uma pessoa que entendesse aquela realidade e que tivesse dignidade. Ele é um sobrevivente. Quando ele aceita a humilhação, é uma escolha dele. Você não pode sentir pena. Testamos vários atores até conhecidos, mas eles não convenciam. O Seu Jorge estava se preparando para fazer o **Madame Satã**, mas houve uma troca de elenco: o Lázaro Ramos entrou e ele saiu. Já estávamos rodando quando o Seu Jorge entrou na filmagem. Ele foi preparado pela Fátima Toledo. Naquela cena em que aparece o Zé Pequeno e ele vira e coloca o braço no ombro da mulher e vai embora, o corpo dele conta tudo. Você sente que ele tem uma dignidade e, apesar de estar curvado naquela situação, é uma escolha dele. Ele não deixa de ser uma pessoa digna. E ele conhece esse universo. O irmão dele foi assassinado. Ele ficou ao lado irmão durante 12 horas até chegar o rabeção.

**Fernando** - Ele saiu de casa e foi morar na rua porque estava sendo perseguido pelo pessoal que matou o irmão.

**Katia** - Por uma semana ele pegou uma arma para ir atrás dos matadores. Mas desistiu e foi morar na rua e não pôde mais voltar para o bairro dele. Foi uma coincidência que a gente só ficou sabendo depois. Você sente isso no gestual, no olhar.

## FRASES DA SEMANA

### O BRASIL DA ERA FHC NA PRIMEIRA PÁGINA DE UM JORNAL

“Renda das famílias cai pela quarta vez seguida, conforme os dados do IBGE” – manchete de primeira página da **Folha de S. Paulo**, 13-9-02

"Lucro dos bancos sobe 45% e atinge R\$ 9,7 bi, revela BC" – manchete de primeira página da **Folha de S. Paulo**, 13-09-02

## Comunicações da Coordenação

### ASSESSORIAS

Inácio Neutzling, coordenador do IHU, nos dias 10 e 11 de setembro orientou um curso de formação sócio-política para agentes de pastoral da diocese de Nova Iguaçu, RJ.

No dia 12 de setembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, orientou um dia de estudos sobre a realidade sócio-econômica internacional e nacional para os agentes de pastoral da diocese de Volta Redonda, RJ.

### VISITA

No último dia 9 de setembro, a Coordenação do Instituto Humanitas Unisinos recebeu a visita do Prof. Dr. Fábio Régio Bento, professor da Unisul, da PUC de Curitiba e pesquisador da Fondazione Cassamarca de Treviso (Itália). O Professor Bento veio conhecer a proposta do IHU já que desenvolve atividades docentes e de pesquisa sobre Doutrina Social da Igreja.



*O entrevistado relâmpago desta edição é...*

## Tiago Wickstrom Alves



O professor Tiago é diretor do Centro de Ciências Econômicas e trabalha na Unisinos, desde 1995. Casado com Denise há dez anos, o casal tem dois filhos: Lívia, de seis anos, e Ian, que nasceu em novembro do ano passado e foi batizado no início deste mês pelo Pe. José Ivo, Diretor do Centro de Ciências Humanas. Tiago é doutor em Economia e mestre em Economia Rural pela UFRGS.

**Inícios** - Nasci em Porto Alegre, mas me criei em Santa Maria. Meu pai tinha fazenda em São Sepé e ficava mais perto para irmos à escola. Sempre fui apaixonado pelo campo, pelo interior, por animais. Quando surgia uma oportunidade, eu estava na fazenda.

**Formação** - Fiz faculdade de Economia na UFSM e um curso de aperfeiçoamento em Economia Monetária na Fundação Regional de Economia. A partir daí, comecei a dar aula na Unicruz, três vezes por semana. Paralelamente, trabalhei no *Jornal Razão*, de Santa Maria, como gerente de circulação e do setor industrial. Por duas vezes, fiquei mais de 45 horas acordado dentro do Jornal, sem saber se era dia ou noite, cochilava sobre as mesas. Mas foi uma rica experiência.

**Decisão** - Acabei optando por lecionar em tempo integral e abandonei o Jornal. Minha renda reduziu 2/3, mas estava fazendo o que gostava. Em 1992, eu trabalhava 20 horas na Unicruz e 20 horas na Unijuí. Fiz seleção para o Mestrado na UFRGS e cursei Economia Rural, voltando às raízes. Em 1995, iniciei o Doutorado em Economia, também na UFRGS. No mesmo ano, comecei como professor horista na Unisinos. Em 1998, passei em um concurso para professor da UFRGS, com o primeiro lugar. Quando avisei que sairia da Unisinos, pediram-me para ficar. Desisti da UFRGS e estou aqui até hoje.

**Referencial**- Nelson Mandela, por sua liderança. Foi preso por 30 anos, enfrentou o Aparthait e ainda conseguiu ser presidente e unir correntes diversas.

**Autor**- O economista John Maynard Keynes

**Livro**- *Enterrem meu coração na curva do rio*, de Dee Brown.

**Filme**- *E o Vento Levou*, de Victor Fleming.

**Nas horas livres**- Passear com a família e meus dois cachorros, viajar, tomar banho de mar.

**Um presente**- Um beijo da minha filha ou o sorriso do pequeno Ian.

**Momentos felizes-** A vida no campo, época de Natal, encontros de família.

**Unisinos -** Um sonho.

**IHU-** Uma possibilidade.

**Um grande sonho-** Acabar com a pobreza no mundo. Foi este sonho que me levou a fazer Economia. Iniciei cursando Engenharia, mas cheguei à conclusão de que, na área da Economia, eu teria mais chance de fazer algo pela sociedade.

## INTERATIVO

### Aniversários

<b>19/9 Maria Elena Pastorino</b> Setor de Teologia Pública	mcr1@poa.unisinos.br	Ramal 4124
<b>19/9 Pastor Mário Tessmann</b> Setor de Teologia Pública	tessmann@cpovo.net	Ramal 4124
<b>20/9 – Prof. Geraldo Schweinberger</b> Setor de Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade	Geraldo@bage.unisinos.br	Ramal 1177

### Cartas do Leitor

Prezados Senhores:

Tive acesso a dois "exemplares" (n.º 32 e 33) do Informativo IHU On-Line, que me foram enviados pelo Prof. Tozinho (Universidade São Francisco). O conteúdo é realmente muito interessante e gostaria de saber se é possível receber também o IHU On-Line em meu e-mail.

Agradeço, desde já, sua atenção.  
Grande abraço e sucesso.

*Jose Inacio Fernandes Granado*

## Sala de Leitura

Acompanhe a seguir o que nossos colegas da Unisinos sugerem para a *Sala de Leitura*:



“Estou lendo atualmente *Ignacio de Loyola, psicologia de um santo*, Barcelona: Anaya & Mario Muchnik, 1995. 594 p. Trata-se da tradução espanhola de um livro escrito originalmente em inglês por W. Meissmer.

Meissmer, além de jesuíta, é psiquiatra e psicanalista. Nesta obra, ele tenta ir bem mais além das numerosas e bem documentadas biografias já escritas sobre o fundador da Companhia de Jesus, tenta, com efeito, penetrar o seu mundo interior, em busca das motivações profundas de suas experiências pessoais, bem como da extraordinária influência que exerceu sobre os seus contemporâneos, religiosos ou leigos, e sobre os pósteros.

Mais não posso nem devo dizer, por estar apenas iniciando a leitura. Trata-se, porém, de uma obra que, sem dúvida alguma, mesmo não sendo tão nova – a edição original, em inglês, é de 1992 – é, no mínimo, instigante!”

*Prof. Ms. José Jacinto da Fonseca Lara, mestre em Educação, professor do Centro de Ciências Humanas e colega no Instituto Humanitas Unisinos, Setor Teologia Pública.*



"Estou lendo *"A Universidade Medieval"*, de Reinholdo Aloysio Ullmann. Editora EDIPUCRS, 486p, publicado em 2000 (segunda edição).

O livro trata da história da Universidade, sua concepção e organização, dos movimentos pelos quais passa ao longo dos séculos e da maneira como vem se mantendo. A riqueza das referências bibliográficas permite ao leitor uma verdadeira "viagem" pela cultura, instigando-o a proceder uma certa "interrupção" a cada capítulo para um aprofundamento da questão específica que mais lhe interesse. Embora a Universidade tenha sido a instituição mais característica da Idade Média, é impressionante o quanto conseguimos reconhecer problemas e situações muito semelhantes aos que existem nela ainda hoje, em pleno século XXI. Recomendo a leitura a todos os colegas da Unisinos, principalmente neste momento em que todos nós estamos implicados na permanente renovação de nossa Universidade”.

*Prof. Ms. Cornélia Hulda Volkart, mestre em Psicologia e diretora do Centro de Ciências da Saúde.*



“Leio atualmente a obra *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*, de Humberto Maturana/ Francisco J. Varela, Tradução do espanhol de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Editora Palas Athena, 2002 (2ª Edição) 283 p. Se a Física serviu de paradigma científico para a ciência moderna, a Biologia aparece sempre mais como referencial, quando se fala da necessidade de um novo paradigma para a ciência. O fenômeno da vida e especificamente a Biologia, como ciência da vida, apresentam-se como padrão para pensar a ciência em novos moldes. As pesquisas e as reflexões dos biólogos chilenos Maturana e Varela desempenharam um papel fundamental nessa revolução paradigmática. A tese fundamental da obra é a interdependência e a imbricação mútua entre os seres vivos e seu ambiente. Todo ser vivo está intimamente acoplado ao seu ambiente, necessitando de conhecimento para nele subsistir. Daí a afirmação essencial de que viver é conhecer. Essa dinâmica explica, segundo os autores, a adaptação e a seleção natural e os fenômenos sociais tanto dos animais quanto dos seres vivos”.

*Prof. Dr. José Roque Junges, doutor em Teologia e professor do Centro de Ciências da Saúde e articulador do grupo temático Bioética do Setor Ética, Cultura e Cidadania do IHU.*

---

**EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line* é um boletim eletrônico do Instituto Humanitas Unisinos. **Coordenador:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS